

“ABC – Jornal das Crianças”: experiência pioneira na imprensa infantil do início do século XX – relato de uma breve pesquisa

Vitória Ribeiro Sousa¹
(Orientadores: Giuliana Cinezi²)
(Co-orientador: Alexandre Medeiros³)

Resumo: O artigo apresenta o (hoje praticamente esquecido) semanário “ABC – Jornal das Crianças” (1912), que – depois de “O Tico-Tico” – foi pioneiro da imprensa dirigida a público infantil no Brasil e comenta aspectos de sua linha editorial, especialmente seu caráter lúdico.

Palavras Chave: “ABC – Jornal das Crianças”. Primeira imprensa infantil no Brasil. A criança no começo do século XX.

Abstract: This article presents the weekly “ABC – Jornal das Crianças” (1912), pioneer (after “O Tico-Tico”) of children’s magazines in Brazil and comments its editorial line, mainly its ludic way.

Keywords: “ABC – Jornal das Crianças”. Early Brazilian children’s magazines. Children in the early twentieth century.

1. Introdução: os pioneiros da imprensa infantil no Brasil

Nos cerca de 8000 periódicos que se encontram na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN e pode ser acessada em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>), o semanário “ABC – Jornal das Crianças”, de 1912 (No.1 em 27-04-1912), é o segundo dos jornais dirigidos ao público infantil em nosso país (se desconsiderarmos os “caseiros” de algumas escolas e as precárias e exíguas folhas que não constituem propriamente imprensa).

O semanário ABC impacta pela esmerada apresentação gráfica (para a época), com várias páginas coloridas e ilustradas. É o que podemos ver já em seu No. 1:



¹. Aluna do 2º. ano do Ensino Médio do Centro de Estudos Júlio Verne (Diadema – SP) www.julioverne.com.br

². Mestre em Ensino de Ciências e Matemática – UNIFESP; Professora do Centro de Estudos Júlio Verne;

³. Pós – Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo – FEUSP;

O primeiro periódico (também semanário) infantil, “O Tico-Tico”, havia surgido em 1905, com aspecto gráfico e linha editorial em boa medida seguidos pelo ABC. Ao contrário deste, do qual nada se comenta hoje em dia (e só dispomos de 2 edições na BN), a célebre “Tico-Tico” teve uma enorme circulação e longevidade (de 1905 a 1977!) e foi a primeira a publicar histórias em quadrinhos no Brasil, lançando para nosso público – além de personagens por ela criados – Mickey Mouse, Gato Félix, Popeye etc.



Capa do No. 1 de “O Tico-Tico” (22-11-1905)

Se a absoluta hegemonia de “O Tico-Tico” só viria a ser rivalizada na década de 30, o ABC foi uma importante tentativa, naqueles primórdios, de diversificar a oferta ao público infantil e competir com a líder.

2. O Jornal ABC e a visão da infância em sua época.

Mesmo depois do Império (1822 – 1889) e entrando na chamada República Velha (1889 - 1930), a visão da infância e da educação continuava bastante problemática e bem diferente da que prevalece hoje (cf. por exemplo COSTA 2015).

Para se ter uma ideia da brutalidade com que era tratada a infância, em *Casa Grande & Senzala*, Gilberto FREYRE (2006), o autor escreve que “nos antigos colégios [...] abusou-se criminosamente da fraqueza infantil” (p. 507). Freyre descreve ainda, aspectos da enfadonha e brutal educação da época:

Houve verdadeira volúpia em humilhar a criança; em dar bolo [castigo corporal: dolorosos golpes na palma da mão] em menino. [...] Ao vadio, punha de braços abertos; ao que fosse surpreendido dando uma risada alta, humilhava com um chapéu de palhaço na cabeça para servir de mangação à escola inteira; a um terceiro, botava de joelhos sobre grãos de milho. Isto sem falarmos da palmatória e da vara - esta, muitas vezes com um espinho ou um alfinete na ponta, permitindo ao professor furar de longe a barriga da perna do aluno. O aluno que não soubesse a lição de português, que desse uma silabada em latim, que borrarasse uma página do caderno - quase um missal - de caligrafia, arriscava-se a castigo tremendo da parte do padre-mestre, do mestre-régio, do diretor do colégio - de um desses terríveis Quibungos de sobrecasaca ou de batina. [...] Um errinho, qualquer - e eram bordoadas nos dedos, beliscões pelo corpo, puxavante de orelha, um horror. Os rapazes de letra bonita que o visconde de Cabo Frio sempre preferiu, para

secretários de legações, aos de letra de médico, foram educados por esses mestres terríveis que fizeram do ensino da caligrafia um rito; alguma coisa de religioso e de sagrado. (p. 507-508)

Não se permitia às crianças a espontaneidade; o comportamento era regulado metivulosamente por rígidas regras de conduta, importadas da Europa e ditadas pelo livro best-seller de então: “O Código de Bom Tom”⁴ (FREIRE, 2006, p. 509).

Precisamente na época do surgimento de nosso ABC, situa-se a conferência de Olavo Bilac “Sobre as Crianças”⁵, na qual ele denuncia os abusos de uma educação preconceituosa e “antipathica”. Após narrar as dolorosas e traumáticas experiências (com absurdos castigos físicos) que ele mesmo sofreu na infância escolar, Bilac afirma:

A idéa preconcebida da antipathia e este rigor tyranico de uma educação mal orientada levam pais e educadores a um propósito deplorável: a vontade de suffocar na criança a sua vontade própria, substituindo-a por uma vontade alheia. Muitas vezes, pretendemos ver nella um autômato, uma machina. Queremos dar-lhe movimentos, sensações, sentimentos, idéas, e não lhes ensinamos a natureza e a vantagem do que lhe ensinamos. Não lhe suggerimos as idéas: nós lh'as impomos. É este o mal. (BILAC, 1924, p. 355-356)

Na época do discurso (BILAC, 1924, p. 344-367), entre tantas outras violências contra as crianças, era corrente até o cúmulo: a exploração do trabalho infantil, permitido por lei a partir dos 8 anos de idade. Bilac denuncia:

A sociedade chegou á vergonhosa e humilhante obrigação de confessar que não pode impedir que as crianças trabalhem nas fabricas: allega que o trabalho é uma lei fatal, e que a vontade dos paes deve ser respeitada; e, manietada, escrava d'estas duas razões tremendas, disfarçando a sua impotencia e a sua crueldade, inventa ridiculos regulamentos innocuos, decreta leis palliativas, e realmente deixa que continue a ser commettido este crime do estrago, da depravação, da bestialização, do entisicamento, da matança de milhões de crianças por anno! A sociedade contenta-se com prohibir a exploração de menores de oito annos na industria (BILAC, 1924, p. 348).

Para Bilac, as crianças sofrem grande quantidade de abusos e injustiças porque não temos o limite e a noção de quando as ofendemos, quando as irritamos, quando ferimos sua sensibilidade. E encerra, evocando a sentença de Jesus, de que é das crianças o Reino dos Céus:

O reino do céu... Não basta! Eu quizera que, antes do reino do céu, desde já lhes pertença o reino do mundo. E' justo e preciso que todas ellas sejam felizes e adoradas na terra. Fracas e mal comprehendidas, ellas sempre me dão pena. Saibamos amal-as, comprehendendo-as. (BILAC, 1924, p. 367)

⁴ O livro de J. I. Roquette, *Código do bom-tom*, Paris, 1845, era um manual de infinitas regrinhas de comportamento que sufocavam qualquer espontaneidade na criança.

⁵ <<https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=136688>> acessado em 15/03/2023 - Olavo Bilac “Sobre as Crianças” (Capítulo 36 – páginas: 344 – 367).

Hoje sabemos que a pressão associada a enfadonhos métodos de ensino tradicionais pode ser prejudicial para as crianças, inibindo seu aprendizado. E que, em contrapartida, o ensino lúdico cria um ambiente descontraído, no qual as crianças podem aprender sem medo de errar. Nesse contexto, entende-se a proposta leve e lúdica do ABC, seguindo a de “O Tico-Tico”, que afirmava em seu editorial fundacional⁶:

Todos amam as crianças; não ha poeta que não celebre sua innocencia e a sua belleza... Entretanto, caso singular! nada se faz em favor dellas, para divertilas, para distrahir e encantar a sua existênciã. Não organisamos festas alegres, em que ellas possam folgar e rir liberdade e não lhe damos uma litteratura especial, simples, ingenua, ao alcance da sua intelligênciã. Ao contrario disso, as festas em que as crianças figuram são destinadas a divertir... os marmanjos, marchando ao sol em batalhões obrigadas a uma disciplina e a uma tenue que as fadiga e aborrece, ou representando comedias e dizendo monólogos que não comprehendem, ellas vão a essas festas como a um sacrificio e a um castigo (BN, O Tico-Tico, 22-11-1905).

Já o ABC, no editorial fundacional de 27/04/1912, “Duas Palavras”, começa dizendo:

A, B, C são as primeiras letras do alfabeto de todas as linguas phoneticas modernas, exceto a ethiope [...] No nosso bello idioma o A pronuncia-se com a boca aberta; o B quasi com ella fechada; e o C com a boca entreaberta, como para um sorriso. É justamente esse movimento de labios que fará toda a gente miuda que vir este ABC.

Boca aberta de pasmo, que a maravilha dos coloridos, belleza dos desenhos e a emocionante leitura do ABC produzirão nos leitores. Depois a boca quasi se fecha, a medida que os seus pequeninos dedos forem voltando as paginas [...] Por fim, na boca rosada da infancia que nos lê desponta o sorriso casto e calmo, que todo o conjunto de humorismos, todo o suggestivo e inesperado das caricaturas, de certo faz brotar. É nesse sorriso saudável, que nós queremos justamente ter a felicidade de suggerir, que desejamos os nossos pequenos e bons leitores se fixem, pois nelle está o premio de todo o nosso trabalho⁷

O ABC afirma que seus objetivos são provocar o sorriso da gente miúda, também com o humorismo que perpassa suas edições e as caricaturas apresentadas. Além da moral de seus contos.

Ainda na 1ª. Edição de 1912, o ABC apresenta também, em um par de páginas, uma seção intitulada “Petiz Jornal”, “uma novidade completa em nossa Patria”, dando com total liberdade a palavra a seus “leitorezinhos” para publicar “os seus artigos, os seus versos, os seus humorismos”, além da “correspondencia entre os seus leitores”⁸.

⁶<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=153079&pasta=ano%20190&pesq=%22intelig%C3%Aancia%22&pagfis=3>> acessado em 05/04/2023.

⁷<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=227994&pasta=ano%20191&pesq=%22Duas%20Palavras%22&pagfis=3>>, acessado em 25/04/2023.

⁸<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=227994&pasta=ano%20191&pesq=%22Duas%20Palavras%22&pagfis=6>>, acessado em 25/04/2023.



Como vimos na proposta programática do sorriso desse Jornal, as matérias do ABC têm frequentemente, como podemos ver, o tom brejeiro, um tanto travesso, mas sem passar dos limites da diversão sadia. Como por exemplo, as matérias do primeiro Petiz Jornal de 1912⁹:

Modernismo

- Mamã, Pedro Chaves pediu a minha mão hontem á noite, na reunião das quartas-feiras dos Gomes.
- E que lhe respondeu?
- Pedi-lhe oito dias para pensar. Já vê, o matrimonio é uma cousa muito séria, e tem deveres sagrados para contrahilo sem um maduro exame de consciencia. E demais minha mãe, nestes oito dias podemos certificar-nos si elle ganha dous contos por mez, como diz.

3. O ABC – Jornal das Crianças e sua proposta lúdica

Passemos agora a folhear e analisar o ABC. Se “O Tico-Tico” foi muito estudado e objeto de diversos trabalhos acadêmicos, o mesmo não ocorreu com o ABC, que permanece praticamente esquecido¹⁰.

No ABC não há propriamente histórias em quadrinhos, mas somente histórias ilustradas humorísticas.

Um bom exemplo é a página 13 do No. 1 de ABC, ilustrando sarcasticamente o provérbio (ainda hoje usado em Portugal): “Guardado está o bocado...” (... para quem o há de comer).

⁹<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=227994&Pesq=%22Duas%20Palavras%22&pagfis=7>>, acessado em 25/04/2023.

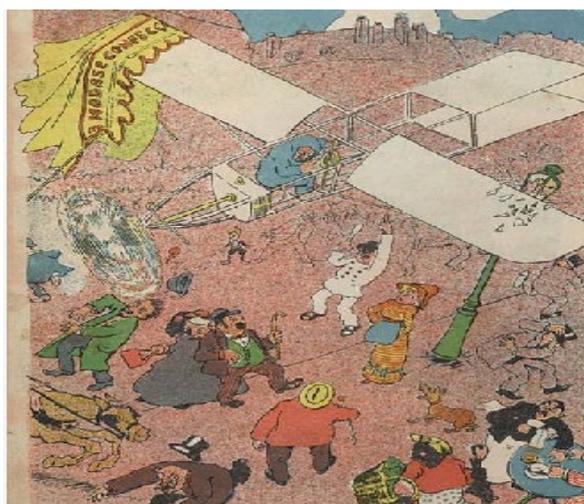
¹⁰ Sobre o ABC encontramos somente duas breves comunicações de Congresso (ALVES 2003; 2006).



Nos dois quadrinhos seguintes, o virtuoso ermitão (supostamente defensor dos animaizinhos) repreende os caçadores, que se afastam envergonhados por perseguirem a pobre lebre, que se refugia no regaço do virtuoso asceta... Mas no quadro final:



O ABC foi publicado em 27-04-1912. Pouco antes, em 8 de março do mesmo ano, ocorreu o primeiro vôo de avião no Brasil, façanha do pioneiro Eduardo Pacheco Chaves, o famoso Edu Chaves, o que aumentou enormemente o interesse pela aviação. Assim, um par de historietas ilustradas do ABC referem-se à aviação, como a caricatura abaixo: “Reboição na Avenida”.



O Guarda Civil – Eh! Seu homem! Pare essa coisa!
O Aviador – O quê?! Você também manda cá em cima?

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=227994&Pesq=%22ANNO%201%22&pagfis=14>>, acesso em 15/06/23.

Além da aviação, o ABC jogava também com o interesse do público infantil por outras “inovações tecnológicas” da época, como o telefone e o automóvel, sempre de modo lúdico:

Pelo Telephone¹¹

O Sr. M. pediu á estação comunicação telephonica para o seu médico.

- Minha mulher queixa-se de uma forte dôr de cabeça e sente muito peso no estômago. Que devo fazer?

Neste momento cortam a comunicação, e o pobre do marido recebe a resposta de um engenheiro que está falando com o proprietário de umas caldeiras de vapor, da seguinte forma:

- Provavelmente deve ter fortes incrustações. É melhor, portanto, fazer uma lavagem de duas horas em água a ferver e soda caustica e outra de ácido muriático a 20 por 100.

E o doutor não tornou mais a falar ao cliente.

O garoto Fafá é um dos personagens de aparição constante na revista.



Com ele temos uma piada, no qual o automóvel (sinal de luxo e ostentação) é o destaque¹²:

Fafá antes de partir para a escola desce á cozinha. Da prateleira das lâmpadas tira a lata de kerozene e molha copiosamente o seu lenço. O pequeno Luiz surprehende-o:

- Que fazes tu, Fafá? Estás a pôr petrôleo no teu lenço? Deve cheirar bem, não há duvida.

- É que, quando eu me assoar todos os outros suporão que eu andei de automóvel!

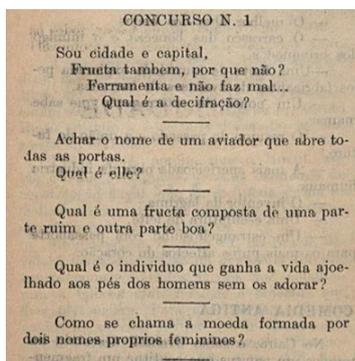
Para além do humorismo, o ABC apresenta matérias sobre diversos outros assuntos: contos sobre lugares exóticos, contos de autores famosos; curiosidades científicas; contos de fundo moral; poesias, variedades e desafios.

Para ilustrar o que estamos falando, trazemos aqui uma matéria do N. 2 do ABC, na qual se lança um desafio de cinco adivinhas. Na terceira e na quinta, o editor parece ter errado, propondo enigmas praticamente insolúveis, mesmo para adultos. Nós mesmos tivemos que recorrer a nossos professores para sua solução (árdua e nada

¹¹ <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=227994&pesq=telephone&pagfis=20>>, acesso em 15/06/2023.

¹²<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=227994&pesq=autom%C3%B3vel&pagfis=33>>, acesso em 15/06/2023.

imediate). Não encontramos na BN o ABC comentando sobre soluções ou acertadores, mas cremos que, sobretudo as referidas adivinhas, seriam intransponíveis para os pequenos leitores (ou mesmo para os grandes).



<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=227994&pasta=ano%20191&pesq=%22Concurso%20N.1%22&pagfis=32>> acesso em 10/08/2023. Respostas na última linha deste artigo.

Condiderações finais

Neste artigo, acompanhamos brevemente o surgimento e a proposta do ABC (hoje um esquecido pioneiro da imprensa infantil brasileira) no início do século XX.

Procuramos mostrar a importância desse jornal infantil em uma época na qual a Pedagogia ainda estava presa a um tratamento rígido e punitivo das crianças. Nesse marco histórico, o “ABC – Jornal das Crianças” traz – junto com qualidade gráfica – uma lufada de ar fresco para uma melhor compreensão da infância, propondo em suas páginas o lúdico e a informação variada, divertida e de interação ativa com o ambiente ao redor. Se hoje, educação e lúdico tendem geralmente a andar de mãos dadas, na época, era algo apenas tolerável e sobretudo fora do âmbito da educação escolar.

Referências bibliográficas

ALVES, M. A. Como o cristal e a cera: infância e leitura no Brasil (1880-1920). 13^o. Cole – ALB. Campinas, 2003. Disponível em https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais13/arquivos/seminarios/alves_maria.htm. Acesso em 11-08-2023.

ALVES, M. A. . A Infância no Brasil - uma leitura de ABC- Jornal das Crianças (1912). In: Uberlândia. VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação – Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino da História da Educação, 2006. p. 2799-2806.

BILAC, Olavo. Sobre as Crianças In: Últimas Conferências e Discursos, São Paulo/Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1924 – Disponível: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4552> - Biblioteca Brasileira - edição: 1924

COSTA, Ricardo Peres da. *Gilberto Freire e a infância no Brasil patriarcal*, Revista Angelus Novus, USP – Ano VI, n. 10, p. 41 – 60, São Paulo: USP, 2015

FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. 51^a. ed. São Paulo: Global, 2006

Respostas ao desafio: 1) Lima, 2) Edu Chaves, 3) Mel-ancia (ânsia), 4) Engraxate, 5) Ester-Lina.

Recebido para publicação em 16-07-23; aceito em 23-08-23